

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	15.º Anno — XV Volume — N.º 503	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	II DE DEZEMBRO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Ante-hontem realisou se com muita solemnidade e com poucos commendadores, na Sé Patriarchal, a festa a Nossa Senhora da Conceição a padroeira do Reino.

A festa da Senhora da Conceição está para o inverno como para o verão está a festa do corpo de Deus; esta annuncia a chegada do calor, aquella a chegada do frio: são festas marca estações e por isso, quando S. Jorge sae do Castello a tropa, chova ou vente, bota calça branca; quando a Padroeira do Reino se festeja na Cathedral de Lisboa, embora o calor seja de rachar, as pelles e os agasalhos saem a passeio, e os chapéus de chuva e as botas de duas solas fazem a sua apparição no asphalto da Avenida e do Chiado.

Este anno o aviso do *Diario do Governo* para a cõrte acompanhar Suas Magestades a assistir á festa da Conceição, na Sé, coincidiu com o apparecimento em todos os jornaes do governo e da opposição, de longos *menus* dos temporaes medonhos, dos furacões, dos diluvios, que deviam desabar sobre Lisboa, segundo os prognosticos do astronomico Saragoçano, que de ha muito goza entre nós da fama de propheta, pelo consenso unanime da população lisboeta, que apenas elle annuncia mau tempo sae logo para a rua de guarda chuva aberto.

E entretanto, apezar de tudo isto, o inverno teima em não apparecer em Lisboa, o verão insiste em não nos deixar.

De pela manhã até á noite, um ceu todo feito a tinta azul, sem despeza de cinzento para nuvens, com um sol refulgente pendurado lá em cima, um sol benefico, claro, tepido, que dá vida aos velhos, aos doentes, aos pobres, a todos aquelles que ao sentirem o inverno bater á porta julgavam que já não haveria sol que os aquecesse; de noute até pela manhã, um luar muito branco, um luar que faz ophthalmias, que caia de

jaspe as trevas nocturnas da capital, que dá ao monumento dos Restauradores o aspecto phantastico d'um gigantesco sorvete de leite; um ar morno, agradável, boa pessoa, um ar bem comportado, que não faz uso das navalhas, que em Dezembro lhe costuma fornecer, de tempos immemoriaes, o estylo imaginoso das classicas descrições das noites invernosas.

Graças a este inverno, que parece verão, Lisboa passa os dias na Avenida da Liberdade. E' alli que se vive, que se conversa, que se discute, que se namora, que se faz politica, que se encontra gente, que se vê passear a pé, a cavallo, de carruagem, de americano, de pirata de bandeira azul e branca, toda a população lisboeta representada em todas as suas variadas classes — nobresa, clero e povo.

Das trez horas da tarde até ás cinco todos os acontecimentos importantes e futeis da terra ali se ventilam, ali se discutem, ali se desfiam: fallase de tudo, de politica, de litteratura, de theatros, de modas, de namoros, de escandalos, de festas, de tudo o que constitue a vida lisboeta.

E ao mesmo tempo que n'um grupo de damas e de cavalheiros do *Sport* se falla com grande entusiasmo da festa da inauguração do Picadeiro do sr. João Gagliardi, na rua de D. Pedro V, e se descrevem minuciosamente as peripecias do jogo da Rosa com que esse Picadeiro se inaugurou e os trabalhos primorosos de alta escola apresentados pelo sr. Gagliardi; no grupo ao lado conversa-se acerca das novenas da Conceição, e das missas do gallo; n'outro deputados, aspirantes a elles, jornalistas, politicos de cavaqueira, discutem

gravemente a crise do ministerio, que, segundo o boato communica, todos os dias está para cahir a toda a hora, e que segundo rectifica a verdade, sahida do poço da arcada do Terreiro do Paço — está de cal e pedra no poder; n'outro, financeiros eximios, deitam-se a advinhar as medidas de fazenda de Damocles, que o governo tem suspensas sobre as nossas cabeças; n'outro, senhoras elegantes e homens de bom gosto pedem e dão informações a respeito de S. Carlos, antegostando com delicias as bellas noites lyricas que o sr. Freitas Brito promette; n'outro, jornalistas, criticos, artistas, homens de letras enraivecidos, ferozes, possessos dão cabo com elogios exagerados, com exageradas censuras da peça nova do theatro de D. Maria, peça que uma pateada extemporanea transformou n'uma verdadeira *scié* na imprensa e na conversação de todos aquelles que se entretem a discutir coisas de theatro.

No meio d'esta variedade de assumptos que se debatem no cavaco da Avenida, a chronica só tem a difficuldade da escolha.

A uns interessa mais do que tudo a politica, as discussões do resultado das eleições e sobre tudo das medidas de fazenda, que ninguem ainda conhece, mas que todos já discutem acaloradamente.

No meio d'essas medidas, se é verdade o que se diz, ha duas muito originaes, muito pittorescas



O CAPITÃO FRANCISCO JOSÉ MACHADO

DEPUTADO DA NAÇÃO

(Segundo photographia de Martinez Peral)

e que parecem muito mais inventadas por um humorista parisiense, do que por um estadista português.

Uma d'essas medidas é um imposto sobre os pianos, medida que vai com certeza encontrar graves atritos nos interesses que vai ferir, mas que em compensação vai encontrar apoio incondicional e entusiástico em todos os ouvidos lisboetas que vai descançar.

Costuma dizer-se das coisas muito difíceis de fazer — «Isto só por musica!»

O governo parece ter tomado a sério o dictado e está resolvido a salvar *por musica* as finanças do nosso paiz.

Eu sei perfeitamente que a nova medida de fazenda vai prejudicar gravemente uma bella arte, que o uso e o abuso tem transformado n'uma feia industria, como tristemente se vê, morando proximo de algum café de camareras, ou tendo por visinha alguma menina que seja discipula estudiosa do Conservatorio, mas não posso deixar de reconhecer e de confessar que essa medida é profundamente justa.

O piano ha tanto tempo que dá cabo dos nossos ouvidos, que é perfeitamente equitativo que a lei o obrigue a dar cabo do deficit.

E de duas uma; ou os pianos dão cabo do deficit, ou a lei dá cabo d'elles, e em qualquer dos casos, nós como cidadãos e nós como ouvidos, temos tudo a ganhar com isso.

A outra medida da fazenda em que se falla também muito, é a d'um imposto sobre os filhos varões.

Esta medida parece ter sido feita pelo governo — se é verdade que a fez, só quando a virmos é que acreditamos — no intuito de ser agradável aos vaudevillistas e libretistas d'opereta do futuro.

E' claro que dada a muita vontade que toda a gente tem de se escapar a pagar impostos, e o pouco dinheiro que a maior parte d'ella tem, para os satisfazer, a nova lei ha de ser muito illudida.

Ora a maneira mais facil de a illudir e a mais innocente e menos criminosa, será de fazer passar por meninas os filhos varões com que o ceu se dignar abençoar de futuro os amores de todos aquelles que, não nadando em dinheiro, não se poderão permitir o luxo de ter filhos do sexo masculino, e não é preciso ter uma imaginação muito fecunda para ver já d'aqui quão fecunda em quiproquos d'opera burlesca será essa maneira de sophismar a lei.

D'aqui a annos um homem será uma ave rara em Portugal, tão rara como hoje é o colibri ou o sabiá, e o *Reino das mulheres* deixará de ser uma phantasia de vaudevillista parisiense para ser uma realidade no canto occidental da Europa.

A respeito de S. Carlos, as noticias que nos tem vindo de Milão são todas de molde a justificar os entusiasmos e as alegrias, com que os *dilletanti* esperam a abertura da estação lyrica.

Essas noticias são que o sr. Freitas Brito tem já escripturados para a proxima epoca que deve começar em janeiro, cinco artistas, que são dos primeiros, pode mesmo dizer-se os primeiros, no seu genero, hoje n'o mundo.

E em relação a quasi todos elles não é preciso curar por informações, pode affiançar-se isso de sciencia certa, de ver e crer como S. Thomé.

O tenor é nem mais nem menos que o Massini, o extraordinario artista cuja recordação gloriosa está ainda bem viva e bem saudosa em todo o publico de Lisboa.

O barytono é o Kaschmann, o artista magnifico que entre nós cantou e representou o *Hamlet* e o *Baile de Mascaras* como nunca tinham sido cantados aqui e como nunca mais se tornaram a cantar.

A contralto é a formosa Sthall a mais linda *Carmen* que tem pisado o palco de S. Carlos.

Um dos regentes d'orchestra é o maestro Mancinelli, o grande artista que tão ruidosas e justas ovações alcançou em S. Carlos em todas as operas que ensaiou e regeu durante as quatro ou cinco epochas que cá esteve.

A prima dona é que é nova para nós, a Arkel, que gosa a fama de ser uma das primeiras cantoras dramaticas da actualidade e ao mesmo tempo a mulher mais formosa que actualmente pisa o palco das scenas lyricas.

E com estes nomes gloriosos d'artistas, compreendendo se bem a ansiedade e a influencia com que é esperada a noite de 1 de janeiro, noite da inauguração do theatro, com o *Lohengrin*, a famosa obra wagneriana com que o sr. Freitas Brito quer e muito bem inaugurar a sua gerencia theatral, escolha que dá logo a nota da alta competencia

artística que presidirá á organização do repertorio e que já presidiu á escolha da companhia.

Falta-nos fallar a respeito da peça nova do theatro de D. Maria, a comedia em 4 actos *Estrada de Damasco* estreia theatral do conhecido escriptor o sr. Alberto Braga.

Eu conheço um auctor de peças, que tem grande consideração por um amigo seu intimo por elle ser um grande entendedor das ditas peças e nunca se enganar nos seus vaticínios sobre o exito d'aquelles que ouve ler ou vê ensaiar.

Esse amigo que tem um olho critico de primeira ordem, e cujos vaticínios nunca falham tem a respeito de todas as peças a seguinte prophacia!

— Esta peça ou alcança um grande successo, ou cae redondamente, ou não agrada nem desagrada, passa.

Ora com a peça do nosso presado amigo o sr. Alberto Braga, esse propheta theatral ainda mais uma vez acertou, mas d'esta acertou em cheio, como até agora nunca acertára: isto é acertou na mesma peça nas tres hypothesees ao mesmo tempo. A *Estrada de Damasco* teve um grande successo, cahiu redondamente, e não agradou nem desagradou, passou.

Parece inverosimil isto, mas é perfeitamente verdadeiro, como acontece a muita coisa inverosimil.

Na primeira noite para um porção do publico que enchia a sala a peça foi um grande successo, para outra porção, foi uma queda redonda, para outra porção finalmente nem foi uma queda nem um successo foi uma peça nem carne nem peixe.

E estava escripto que com a peça do sr. Alberto Braga se havia de dar ainda mais uma circumstancia especialissima: foram alguns dos seus amigos que lhe promoveram a queda da peça, foram alguns dos seus inimigos que lhe fizeram o successo.

Continua a ser inverosimil mas continua a ser verdadeiro.

Do mesmo modo que ha amigos dos diabos, ha inimigos dos anjos.

O sr. Alberto Braga teve d'uns e d'outros. Inimigos dos anjos foram aquelles que principiando a patear a peça logo no fim do primeiro acto, tendo ella quatro actos, sendo um original portuguez e sendo uma estreia, mostraram uma hostilidade anticipada contra a peça e provocaram uma reacção naturalissima não só entre os amigos do auctor que enchiam a sala, como também entre os espectadores indifferentes que reagiram contra a extemporaneidade d'aquellas manifestações ruidosas de desagrado.

Amigos dos diabos foram aquelles que a proposito da *Estrada de Damasco* andaram a fallar em Dumas, em Sardou, em Musset; aquelles que a proposito do dramaturgo fallaram dos seus colletes de setim, dos petilhos das suas camisas e do polimento dos seus sapatos: aquelles que antes da peça ir á scena andavam a apregoar a sua perfeição impecavel e a sua sublimidade.

E no fim de contas com a *Estrada de Damasco* dá-se ainda o que se dá com a maior parte das coisas — a verdade, a justiça está no meio termo.

A peça não era tão má que merecesse as iras que provocou, nem tão boa que justificasse os elogios que lhe faziam.

Tem qualidades e tem defeitos. Se fosse peça d'um auctor dramatico já feito os seus defeitos matariam completamente as suas qualidades: se fosse a estreia d'um homem novo no theatro e nas letras: as qualidades da peça matariam completamente os seus defeitos: como não se dá nenhum d'estes casos, como a peça é d'um debutante no theatro, mas ao mesmo tempo d'um escriptor que tem atraz de si longa e brihante carreira, os defeitos e as qualidades mantem-se no seu justo valor e fazem com que a peça não seja um desastre a que se deva virar a cara, nem um triumpho a que se deva curvar o joelho.

A *Estrada de Damasco* ouve se com agrado embora sem entusiasmo. Quem a vai ver sabendo que ella foi entusiasticamente victoriada acha a menos boa do que julgava, quem a vê sabendo que ella foi ferozmente pateada acha a muito melhor do que imaginava.

A nossa opinião sincera é esta, com toda a consideração que temos pela verdade, com toda a estima que temos por Alberto Braga e pelo seu distincto talento

Mentiríamos se dissessemos que elle tinha feito uma peça excellente: parece-nos acertar dizendo que elle tem talento e aptidões para fazer uma peça optima, e a sua segunda peça nos mostrará se acertamos ou não.

A *Estrada de Damasco* está primorosamente

posta em scena por Augusto de Mello e é primorosamente desempenhada pelos principaes artistas do theatro de D. Maria.

Gervasio Lobato.

DEPUTADO FRANCISCO JOSÉ MACHADO

É evidentemente um homem do dia, posto em evidencia pela sua energia e pela sua coragem, como pela sua perseverança e pela sua lealdade. Deve a si, á sua vontade inquietantavel, tudo quanto é. Na vida particular, como na vida publica, é um homem de bem e uma das suas grandes qualidades caracteristicas é a de mais honrada sinceridade nas suas convicções. D'uma dedicação extrema pelo partido, em que milita, tem sido sempre o mais desinteressado e o mais leal dos adherentes, não havendo adversidade que o esmoreça, contrariedade que o desgoste ou desillusão que o entubie. A sua dedicação e a sua tenacidade fizeram d'elle o mais sollicito dos deputados, porque é e tem sido sempre o mais infatigavel dos procuradores do povo. Por isso, quando se trata da renovação do seu mandato, os seus eleitores recebem como uma formal declaração de guerra toda e qualquer tentativa feita para lhe cercear ou inutilisar a votação. Se elle quizesse, defendel-o hiam até com as armas na mão!

D'animo corajoso e independente o sr. deputado Francisco José Machado é uma das individualidades mais distinctas da moderna geração parlamentar. Se não é um orador artificioso e eloquente, que saiba attenuar a rudeza dos seus ataques ou contemporisar com as conveniencias partidarias, é contudo um orador apaixonado e vehemente, que incommoda os adversarios, pela sua firmeza, pela sua persistencia e pelo seu desassombro. É difficil o desnoiteal-o como é impossivel obrigar o a capitular com as exigencias accommodaticias do nosso parlamentarismo de transacção. D'ahi talvez a campanha aberta para evitar a sua reeleição, campanha que fez pôr em singular relêvo a sua energia, batendo se valorosamente com os seus adversarios durante cinco longos mezes e sahindo victorioso da lucta. Isto incendeu ainda mais as hostilidades dos que o queriam á viva força arredar da camara e d'ahi o extraordinario processo que lhe foi instaurado e que está fazendo convergir sobre elle as attentões sympathicas de todo o paiz.

Francisco José Machado, é natural da cidade de Lagos (Algarve), sendo filho d'uma modesta familia de lavradores, que teve a invejavel dita de ver todos os seus filhos vantajosamente collocados por merecimentos proprios e por trabalho proprio. Seus irmãos tem todos um nome e um logar distincto na vida publica, como o conselheiro Joaquim José Machado, actual governador da Companhia de Moçambique, tenente-coronel d'engenharia, antigo governador geral do ultramar, Antonio José Machado, capitão-tenente da marinha real, Belchior José Machado, tenente d'infanteria, com o curso de engenharia civil, dirigido uma secção de obras publicas no ministerio de marinha, Marianno Machado, occupando um logar superior na fiscalisação do caminho de ferro de Lourenço Marques, João Machado, director da fabrica da Alhandra. Nos primeiros annos da sua vida entregou-se á agricultura, mas a breve trecho, começou a empregar no estudo, revelando uma extraordinaria força de vontade, porque, estando um pouco avançado em idade, conseguiu em dois annos completar o curso dos lyceus. Assentou praça (1871), matriculou se na Escola Polytechnica onde completou em tres annos, sempre com approvações plenas, o curso preparatorio d'artilheria, de modo que em 1876 era promovido a segundo tenente d'esta arma.

A sua afeição pelo partido progressista data dos seus tempos d'estudante, afeição esta que se foi accentuando ao passo que a sua posição se foi definindo e que tem mantido até hoje. Collaborou em diversas epochas nos jornaes progressistas, notoriamente no antigo *Paiz* e depois no *Progresso*, no *Correio da Noite*, na *Provincia* e no *Commercio Portuguez* do Porto e em alguns outros jornaes de Lisboa e das provincias. Primeiro tenente em 1878, é capitão desde 31 d'outubro de 1884, devendo estar proximo a sahir major. Posto que tenha direito ás medalhas militares correspondentes a vinte annos de bom e effectivo serviço, com exemplar comportamento, nunca requereu nenhuma d'ellas e tendo desempenhado importantes com-

missões, algumas de caracter politico e tendo-lhe sido offerecidas distincções honorificas, declinou-as sempre, com a maior modestia, dizendo invariavelmente que tinha apenas cumprido o seu dever e não merecia por isso recompensas excepcionaes. Uma d'estas comissões foi a de administrador de Guimarães por occasião do conflicto entre Guimarães e Braga (1886) em que prestou um serviço importante conciliando alli as profundas divergencias que ameaçavam a ordem publica.

Foi tambem no desempenho de uma comissão de serviço militar que pela primeira vez foi a Peniche, sendo alli encarregado do material de guerra. O seu genio franco e leal, o seu trato ameno e delicado, grangearam-lhe alli as mais geraes sympathias e d'ahi proveio a sua primeira candidatura pelo circulo das Caldas da Rainha, que tem representado ha seis annos no parlamento com completo apazimento dos seus eleitores, para os quaes tem sido d'uma dedicação inextinguivel, não só no parlamento, mas fóra d'elle, promovendo por todos os meios ao seu alcance tudo quanto possa concorrer para o engrandecimento e prosperidade d'aquelle circulo e para o bem estar e tranquillidade dos seus habitantes. Se todos os deputados tratassem, com equal empenho e sollicitude, dos interesses dos seus representados esta elevada missão politica e social não estaria decerto tão desprestigiada e tão abatida e a descrença e o desalento não teriam decerto invadido, como invadiram, o espirito publico, sobretudo no corpo eleitoral das provincias, na maioria dos casos abandonado pelos seus eleitos.

Estudioso, activo, trabalhador, dispondo sobretudo de uma memoria prodigiosa, o sr. deputado Francisco Machado tem-se occupado no parlamento, com grande proficiencia, de muitas das principaes questões que alli tem sido debatidas. Um dos seus ultimos discursos, sobre a situação da fazenda publica, é dos documentos mais interessantes dos nossos registos parlamentares pela extraordinaria copia de dados estatisticos, informações e calculos que alli conseguiu reunir e que representam um verdadeiro *tour de force* de estudo, de investigação e de trabalho, o que não impediu que os seus adversarios o classificassem de obstruccionista e de massador por se atrever a tomar a sério a discussão de um dos assumptos mais palpitantes da nossa administração, perturbando assim a ordem convencional dos discursos *pro forma* e das votações rapidas dos projectos financeiros. Os resultados d'estas votações bem combinadas, que fizeram por muito tempo ao paiz a illusão de uma relativa prosperidade, estamos nós todos a soffrel-os hoje e por forma que nos hade lembrar para o resto da nossa vida.

Liberal, por indole e por convicção, extremamente dedicado a el rei, tão brioso soldado como exemplar cidadão, o sr. deputado Francisco José Machado é um homem de bem em toda a extensão da palavra e d'uma sinceridade e de uma lealdade irreprehensíveis. Indo ao paço, no desempenho d'uma honrosa missão que lhe haviam confiado os seus eleitores, filho do povo, tendendo naturalmente para a rude franqueza da sua raça, com a qual nunca se deram mal os reis, ressentido e maguado por uma perseguição sem precedentes na historia politica do paiz, nem mesmo nos tempos de mais odiosa dominação, o sr. deputado Francisco José Machado rompeu um pouco com os modernissimos habitos de hypocrita adulação pelo poder dos ministros e deante d'elles, em voz alta e firme, fallou ao monarcha com a lealdade d'um portuguez, dizendo-lhe a verdade toda, com um desassombro que é raro nos tempos que vão correndo. Foi por este *crime* singular que a sua immunidadade de deputado foi violada para fazer incidir sobre elle todo o rigor da legislação disciplinar do exercito!

Temos ligeiramente esboçado as linhas principaes da individualidade do sr. deputado Francisco José Machado. Resta-nos ainda, comtudo, accentuar ainda alguns dos traços mais sympathicos da sua physionomia moral. Francisco José Machado allia a um caracter do mais fino quilate um primoroso e bello coração. Na familia é um verdadeiro modelo. Amantissimo de sua velha mãe e de todos os seus irmãos, consagra-lhes a mais carinhosa das afeições. Ha poucos mezes ficou-lhe viuva uma irmã, em condições as mais deploraveis, porque ficou em precarias circumstancias e com dois filhos no começo da sua educação. Francisco José Machado, o seu primeiro cuidado foi tratar do futuro dos pobres orphãos e desde então a desolada viuva pôde achar um conforto para a sua desditosa sorte, porque, se perdeu o

mais dedicado dos maridos, encontrou o mais affectuoso dos irmãos. Este traço da vida intima de Francisco José Machado bastaria para lhe grangear a estima dos homens de coração se elle, pe'o seu caracter e pelas suas qualidades, não as tivesse conquistado já.

Dezembro de 1892.

Augusto Ribeiro.

MONUMENTOS DE EVORA

II

A SÉ

No alto da ampla collina vestida de casaria branca está a Sé, de granito escuro; parece o rude e forte pastor cercado pelo rebanho de ovelhas.

As robustas torres quadradas que molduram o portal, a galilé e a vasta janella da frontaria que olha ao poente; e o altivo zimbório do cruzeiro, cercado de pequenas torres com seus coruchéos, dão-lhe um aspecto meio guerreiro; é a fortaleza que sustenta bem alta a cruz, e abriga sob as valentes abobadas os altares, e os fieis.

Tem uma longa historia, que eu não conto agora, esse monumento.

A Sé eborense comecada a construir no ultimo quartel do seculo XII, chegou ao estado de servir ao culto em 1204. Todavia ainda em 1221 foi preciso crear renda para a obra, para os concertos e complementos do edificio; e el-rei, que ingenua *fazenda* a medieval! mandou plantar vinhas para com o seu producto se cuidar do templo.

Pelo lado do nascente as dependencias da sé tocavam nas *freirias*, as casas dos freires de Evora, depois de Aviz; e ainda hoje os ediculos da porta do Sol, os vestigios e restos de campas junto da porta do Norte provam antiguidade e alterações remotas de que não há provas escriptas.

No seculo XIV fez-se o claustro do sul, no seculo XV a capella do Esporão, no XVI o côro admiravel, e no XVIII a capella mór... os séculos, as escolas de architectura marcaram ali a sua passagem.

Mesmo na estrutura inicial, sem fallar das modificações, isto se deu; o arco românico e a lanceta do primeiro gothico ali estão bem claros logo nas duas torres da fachada; a do norte românica, a do sul gothica, não contando as cupulas que são relativamente modernas. Os estylos gothico, normando, bysantino e românico encontram na península, em Portugal, duas raças: os christãos ao norte, os agarenos ao sul; duas correntes, duas series paralelas de adaptações, de modificações, se produziram por este facto. Na Sé de Evora encontram-se o românico-bysantino e o gothico normando. E isto não é só nas torres, que são duas proclamações eloquentes, é nas proprias naves; é até no zimbório, por dentro em pleno cintro ou volta redonda, nas aberturas exteriores em lanceta gothica; e o seu elmo conico e arrojado com a silharia de granito lavrada a imitar ardosias, como se o architecto se lembrasse das cathedraes normandas.

Ao percorrer as obras de historia de architectura, desde o *Abécédair* ou *rudiment de archeologie* de Caumont, até á moderna *L'Art gothique*, de L. Gonse, encontram-se frequentemente motivos reproduzidos na cathedra de Evora, no triforio, nos feixes de columnas, nas rosaceas, no zimbório, nas gargulas brutescas, na ornamentação vegetal dos capiteis, no ingenuo symbolismo, tudo a levar-nos ás cathedraes de Bury, de Coutances, aos fins do seculo XII e primeira metade do seculo XIII.

A Sé de Lisboa está extraordinariamente modificada mas pela sua disposição, pelas suas torres, creio estaria proxima, no plano geral, da eborense, mas esta que está bem conservada nada tem que ver com as egrejas de Coimbra (Salvador, S. Christovão ou Sé Velha), ainda menos com a Sé da Guarda, ainda menos com a Povoia de Mileu, menos ainda com o portico e rosacea que nos restam de Villar de Frades.

Citei muito de proposito estes dois ultimos monumentos, porque são notabilissimos, e prodigiosamente ignorados pelos nossos estudiosos; e todos estes exemplos citados provam a enorme actividade, a extraordinaria vida da architectura em Portugal antes da victoria definitiva da ogiva.

O sr. Luciano Freire escolheu um ponto favoravel pelo pittoresco e pela significação artistica, para tirar a photographia (origem da gravura que apresentamos) na varanda do claustro, de modo que comprehende parte do lado sul do corpo da egreja, um braço do cruzeiro, com a brilhante rosacea aberta em granito, e o zimbório com as suas torriñas e coruchéos.

N'este claustro a que me refiro ha uns singulares espelhos na arcada, abertos tambem em granito em finos entrelaçados, que representam com a porta da sacristia, unica em Portugal, o elemento arabe. As ameias chanfradas bem patentes na gravura são ornamentaes, do seculo XVI, que muito se usaram em Evora. As ameias do seculo XIV, e anteriores, são, em geral, cubicas encimadas por pequenas pyramides de base quadrada, de diametro maior que o do fuste.

Ora a gravura, casualmente segundo creio, presta-se muito bem á comparação da Sé com outro edificio peninsular, a afamada *Torre del Gallo*, que é o zimbório do cruzeiro da velha Sé de Salamanca, de que ha pouco se publicou uma nitida photographia. (Baudenkaeler in Spanien und Portugal, de Constantino Uhde). Lá estão, a par, a volta redonda e a ogiva, a cupula rodeada de torres e coruchéos com ameias, e as coberturas conicas lavradas imitando ardosias sobrepostas, como escudos ponteagudos, ou escamas de armadura.

E como chama Udhe a este conjuncto? *românico do seculo XI*. Mas aqui ha a lembrar logo a lei muitas vezes certa e verificada de que a nossa arte, a arte peninsular em geral, andou atrazada de meio seculo relativamente á Europa central, até ao renascimento.

Possue a Sé eborense muitos letreiros de epochas diversas; o do bispo Juliano, da era 604, está na capella do bispo D. Pedro, no claustro.

Na capella do Santissimo conserva-se a inscripção do bispo D. Durando que se refere á capella-mór; é em versos leoninos e foi pela primeira vez completamente desdobrada e explicada pelo fallecido Borges de Figueiredo, o sábio epigraphista tão cedo perdido para a sciencia portugueza (Revista archeologica, vol. IV, p. 173-175).

Na entrada principal, e na porta do sol conservam-se ediculos medievaes, com seus escudos, e letreiros, do mestre, do conego, do cavalleiro da idade media; na divisoria da capella mór e da do Santissimo a longa inscripção descrevendo a batalha do Salado, e a ida dos peões e dos cavalleiros eborenses que acompanharam D. Affonso IV.

N'um tumulo André de Resende, n'outro Manuel Severim de Faria!

Se a isto juntarmos as recordações historicas, os autos, os milagres as vigílias, e as ruidosas festas; as côrtes e os concilios; o caso da *cêra*, e o da Vera Cruz, a volta do Salado e a volta de Tóro; os tumultos da aclamação do mestre de Aviz, e a figura de Vasco Martins de Mello, o *que deu a vida ao mestre*, cujo jazigo está ante a porta do cabido; a tragedia da abbadesa de S. Bento, tão frisantemente contada no Fernão Lopes; ou o velho Ruy de Sousa, dançando em frente de D. João II, e os sermões de Francisco de Borja, o padre duque de Gandia, ... pela historia fóra até aos fuzilamentos de 1808, ás exaltadas predicas de Fr. Fortunato de S. Boaventura... que enorme poema, conjuncto de desesperos e glorias nacionaes, vibra n'essas austeras arcarías! O seu thesouro tem maravilhas de ourivesaria, de pedras preciosas; nos arcazes da sacristia ha paramentos e tapeçarias unicas; e na estatuaria a Sé eborense apresenta-nos a rude figura do que dizem architecto, a imagem da Senhora da Annunciação, notabilissima na arte portugueza, os apóstolos do portal e os evangelistas do claustro, as imagens do seculo XVI, as mascaras risonhas da capella mór, as estatuas de Antonio de Padua.

Grupo extraordinario de exemplares artisticos de primeira ordem, e de memorias historicas que não devem esquecer!

Gabriel Pereira.

VENUS E MARTE

Venus e Marte, assim e assaz graciosamente intitulou, o sr. E. Gelli este seu quadro, cuja gravura damos. Se nos embrenhar-mos na fabula heroica, isto é, na mythologia, vemos com prazer existir uma certa afinidade no assumpto d'este bello quadro, e a sublime epopeia — os *Lusiadas*. Ainda que só pelo titulo essa afinidade se evidencie, é tambem frisantissimo o estado psychologico em que o auctor rouba á vida real, uma das suas phases mais estaveis na inconstancia inherente a essa mesma vida — a attracção para a mulher. Um sábio cujo nome nos esquece, tratando d'este facto diz: que a natureza — e aqui como sempre — tratou de tornar facil o seu fim: a continuidade dos seres, exercendo senão as mais das vezes, a attracção da mulher para o homem e reciproca, pelo menos a do ho' rem para a mulher.

No quadro em questão, após observado, nota-se um accessorio a que daremos e com justiça todo o

apreço que merece e todo o valor que intrinsecamente frue; referimo-nos ao nectar contido no copo, no cangirão, nas pipas, etc. e não direi muito se avançar á affirmativa de também já existir sob a forma de gazes e assimilados no cerebro e estomago de *Marte*, que no quadro é representado por um guapo mosqueteiro, digno rival de Artagnan, a quem o famoso licor usado nas oblatações a S. Martinho dos burguezes, tornou risonho, loquaz e predisposto a fazer amor com a gentil garçõa que, por sua vez representa *Venus* — *Venus* de estalagem, pelo que vejo; — o licôr que *Lycô* plantou e que no quadro synthetisa *Baccho* é a quem apodamos de agente geral da vida, na scena pintada no painel que descrevemos.

mos mais, como a deusa da formosura, a languida *Venus* intercede pelos portuguezes. O divino poeta apresenta-nos de maneira a mais sublime, esta interessante parte do seu poema. A forma como pinta o interesse que nos vota a peregrinissimamente bella filha da escuma das equoreas campinas, é arrebatadora. Vejamos quanto amor ella outhorga á dulcissima lingua em que escrevemos, por ser semelhante á dos romanos; e, não só á lingua nossa, mas também ás qualidades d'esse povo todo feito de heroes, e cujas acções valorosas vê reverberadas n'aquelles por quem intercede.

Marte, o deus da guerra, a quem a formosa Juno e o poderoso Jupiter deram o ser, apoia com ve-

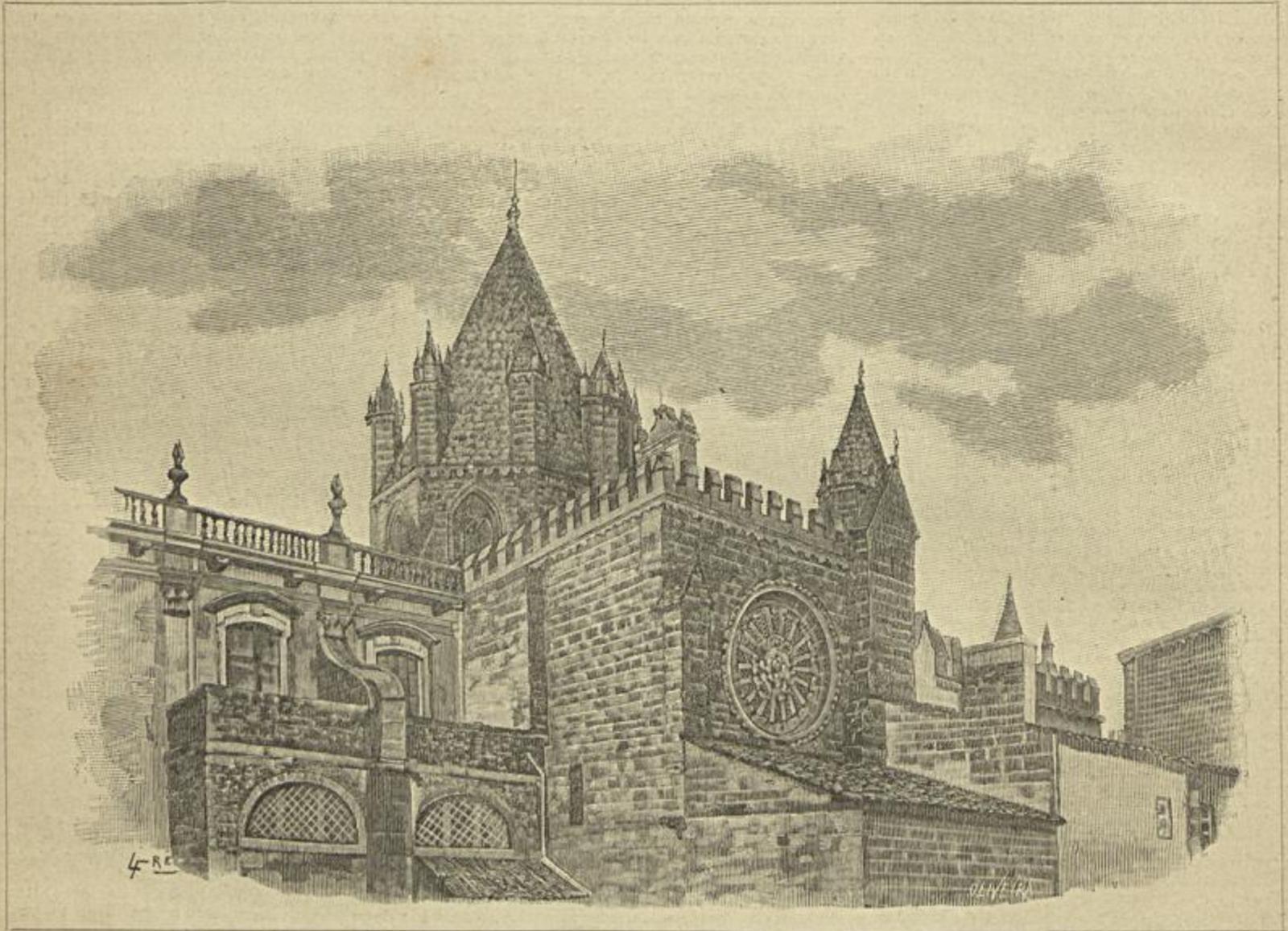
como sempre a galanteada não parece totalmente insensivel, e mais o nosso mosqueteiro mostra-lhe argumento eternamente irresistivel, irrefragavel. São vetustas, fosseis, coevas da criação estas scenas, sempre novas por effeito sophismado da Natureza.

Publicando o que pensamos ao ver-mos o quadro de Gelli comprehendemos dizer a verdade, essa perola perdida na amplidão dos mares e que poucos tentam descobrir.

Como se vê da gravura, o quadro representa uma hospedaria, portanto a scena decerto durará pouco, e mais não devemos inquirir.

Esteves Pereira.

MONUMENTOS DE EVORA



A SÉ DE EVORA

(Desenho de Luciano Freire)

Em resumo, trez entidades distinctas e um deus verdadeiro — o *Amor*, e, isto sem plagiato subjectivamente á liturgia.

Venus, *Marte* e *Baccho*, eis a trindade que se encontra no quadro de que fallamos.

Disse, existir relação entre esta pintura e o famoso poema de Camões. Referentemente ao quadro, pelo lado material, não ha ponto algum, que demonstre a minha asserção, positiva e categoricamente. No lado edeial, isto é, no assumpto, já a minha affirmacão tem base e é confirmada.

Repararam que, notei haver n'este quadro uma trindade sympathica para os lusitanos, constituída por *Venus*, *Marte* e *Baccho*.

Ora, todo o portuguez que haja lido o livro mater da litteratura patria, vê que, Camões no seu immorredouro poema nos mostra:

Baccho conquistador da India, cioso dos triumphos dos Luzitanos tentou oppor-se a elles. Ve-

hemencia a causa dos portuguezes e portanto indirectamente a de *Venus* a quem pretende. Mostra-se iracundo para com os deuses e consegue mover Jupiter, evidenciando-lhe quanto estima o valor lusitano, que *Baccho* inveja, patenteando-se ingrato pois recebe da Lusitania o nectar que absorve, que lhe revigora e retempera o sorriso agora maculado pela aleivosia.

Se todo o grande Poema não fosse um conjunto homogeneo em bellas, nós diriamos que esta parte era uma das mais bellas e gigantescas, já pela concepção, já pelo apropriado da phrase aos personagens e ao facto.

Eis pois, o que a nosso ver auctorisa a nacionalisar um pouco, o quadro do sr. E. Gelli por elle se ter servido d'uma trindade tão agradável ao nosso coração de patriota pelo bom, pelo sublime e pelo grande de Portugal, cujos nomes pseudonymam graciosamente a scena do galanteio em que

PEDRO JOSÉ ALFREDO CAMBOURNAC

A industria, como as sciencias e as artes, tem os seus escolhidos, que também se podem considerar os seus sacerdotes pelo amor com que a cultivam, pela vida que lhe dedicam, pela intelligencia com que a exploram, aperfeiçoando-a, enriquecendo-a com novas descobertas, firmando-a e desenvolvendo-a com proveito seu, mas não menos interesse geral pelos beneficios que trazem á sociedade.

Entre esses escolhidos encontramos Pedro José Alfredo Cambournac, o industrial intelligente e activo, que todos nós conhecemos, e que succumbiu, no dia 11 de novembro ultimo, a uma congestão cerebral que anulou toda uma vida de trabalho ao fim de cincoente e quatro annos.

Não era muita a idade, mas não se profia im-



VENUS E MARTE — Quadro de E. Gelli.

punemente nas campanhas da industria, como elle profiou, sem que a vida se gaste tão rapidamente como rapidos são hoje os progressos do trabalho, n'este grande profiar que se chama a lucta pela vida.

E por que Pedro Cambournac foi dos que mais luctou, porisso se lhes exaurio a vida quando menos se esperava, deixando na viuvez sua desolada esposa, na orphandade seus dez filhos e sem mestre, os seus numerosos operarios, que tinham n'elle um amigo e companheiro dedicado, prompto sempre a promover-lhe os seus progressos e bem estar relativo.

Era Pedro José Alfredo Cambournac filho de Pedro Roque Cambournac e de D. Maria Desideria Cambournac, naturaes de Bordeus e que vieram para Lisboa pelo anno de 1837, estabelecendo uma tinturaria, na praça da Alegria de Baixo, praça que desapareceu com as demolições que se fizeram para abrir a Avenida da Liberdade.

Esta tinturaria adquiriu logo grande fama pela perfeição dos seus trabalhos e o nome de Cambournac tornou-se em breve conhecido de toda a Lisboa, e em poucos annos de todo o Portugal, pois que de todas as terras do paiz vinham encomendas para aquella tinturaria.

Com tão bom acolhimento não podia deixar de progredir a tinturaria de Cambournac, e porisso, passados alguns annos, fez este aquisição da quinta do Letrado, na Ribeira do Papel, onde estabeleceu novas officinas de tinturaria, em maior escala e com processos mais aperfeiçoados.

Por estes tempos Pedro José Alfredo Cambournac, no proposito de seguir a industria de seu pae, fôra para França estudar e praticar a tinturaria em todos os seus processos mais modernos, luctando e trabalhando com a actividade que todos lhe conhecemos, para o que lhe não causou embaraço o defeito de ser coxo da perna direita, defeito que lhe resultou de uma dôr sciatica, e da qual soffreu dos 8 aos 13 annos de idade.

Estava Cambournac em França quando seu pae morreu em Lisboa, e este triste acontecimento obrigou-o a regressar immediatamente a Portugal, para junto de sua mãe e a tomar conta das officinas de tinturaria.

Trouxe então grandes melhoramentos para aquellas officinas, resultado do que aprendera em França, desenvolvendo, aperfeiçoando e implantando novos processos de tinturaria, industria que em Portugal se conservava no estado mais rudimentar, principiada a aperfeiçoar por Pedro Roque Cambournac, e gloriosamente seguida por seu filho agora fallecido.

Ultimamente, ha apenas tres annos, Cambournac compoz uma tinta de escrever que concorre vantajosamente com as tintas estrangeiras que importamos, e sendo este um artigo de largo consumo, inutil é encarecer a sua importancia como mais uma industria nacional que nos dispensa de recorreremos ao estrangeiro.

Ao genio industrial e activo de Pedro José Alfredo Cambournac juntava-se um coração bonissimo e generoso que completavam o seu caracter franco e leal, de uma extrema dedicação para todos que privavam na sua intemidade.

O fallecido industrial deixa em seu filho mais velho o sr. Pedro Roque Cambournac, um digno continuador da sua obra, com todas as habilitações para bem dirigir o importante estabelecimento que lhe é legado.

Alem do curso que estudou no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, foi praticar nas melhores tinturarias de Saint Deniz e Leão, em França, e em Perth, na Escocia, achando-se em Lisboa ha dois annos praticando na companhia de seu pae.

F. C.

AS REGENTES DE PORTUGAL

Recorrendo aos nossos antigos e modernos chronicistas do reino, e a documentos authenticos e empoeirados do real archivo da Torre de Tombo, vemos que doze princezas teem, desde o começo da monarchia até hoje, governado estes reinos como regentes.

Vamos enumerar-as por ordem chronologica.

1.ª D. THEREZA DE LEÃO

Mulher do conde D. Henrique de Borgonha e filha de D. Affonso VI de Leão chamada a rainha D. Tareja pelo motivo dos reis de Leão costumarem dar o titulo de rei ou rainha aos seus filhos primogenitos.

Governou o reino pela menoridade de seu filho D. Affonso Henriques, isto é, durante deseseis an-

nos, decorridos desde 1112, anno em que falleceu o conde D. Henrique, até 24 de junho de 1128 em que ella ficou derrotada por seu filho na batalha de S. Mamede.

2.ª D. LEONOR TELLES

Mulher do rei D. Fernando I, o Formoso Governou 45 dias, contados desde 22 de outubro de 1383, em que pela morte de seu marido ficou regendo o reino em quanto de sua filha, a infanta D. Brites, casada com D. João I de Castella não houvesse neto para cingir a coroa dos dois reinos, conforme o contracto secreto, ate 6 de dezembro do mesmo anno em que D. João mestre d'Aviz, se apossou do governo.

3.ª D. LEONOR D'ARAGÃO

Casada com o rei D. Duarte, Regeu conjuntamente com o infante D. Pedro, irmão d'el-rei. A sua regencia durou cerca de um anno, contada desde 9 de setembro de 1438, dia do fallecimento de seu esposo, até ao fim de 1439, em que foi forçada a entregar o governo ao dito infante, retirando-se para Castella.

4.ª D. LEONOR DE LENCASTRE

Esposa do principe D. João (depois rei 2.º do nome). Regeu quando D. Affonso V e o dito principe foram a Castella a disputar pelas armas o direito á coroa d'aquelle reino, direito que assistia ao nosso rei, por ter desposado sua sobrinha a princeza D. Joanna, filha unica do fallecido Henrique IV. Deu-se então a batalha de Toro em que ficou victorioso Fernando V de Aragão, casado com Isabel, a Catholica, irmã de Henrique IV, que depois subiu ao throno de Castella.

Durou aquella regencia cinco mezes contados de janeiro a maio de 1476 em que regressou o principe D. João (*Ruy de Pina, Chron. d'el-rey D. Affonso V: Cap. 21 e 22*).

Nova regencia da mesma senhora, então viuva de D. João II. Governou o reino desde 24 de março a agosto de 1498 por occasião da viagem de seu irmão, el rei D. Manuel que foi a Castella com a rainha D. Isabel a fazerem-se acclamar herdeiros das coroas de Castella e Aragão (*Damião de Goes: Chron. de D. Man. p. II. 46. Livro d'Extras. fol. 143 no Real Archivo; Benevides: Rainhas de Port. Tomo I. pag. 320*).

5.ª D. CATHARINA DE CASTELLA

Mulher d'el-rei D. João III. Regeu pela menoridade do principe D. Sebastião seu neto, pelo espaço de cinco annos, contados desde 15 de junho de 1557, dia da morte do rei, até 1562 em que desgostosa pelas intrigas clericas entregou as reedes do governo ao cardeal D. Henrique, seu cunhado, e tio do joven rei. (*Bar. Cat. das Rainhas pg. 404 Sousa: Hist. Genal. Tomo III Provas, pg. 17 e 22. Benev. R. de Port. Tomo II pg. 22*).

6.ª D. MARGARIDA DE SABOIA

Duquesa de Mantua, princeza de Parma. Governou sete annos estes reinos em nome de seu primo D. Filippe III (IV de Castella) desde janeiro de 1634, mez em que esta princeza fez a sua entrada solemne em Lisboa, até ao memoravel dia 1.º de dezembro de 1640 em que Portugal se libertou do jugo castelhano. (*J. P. Rib. Dessert. Chron. Tomo II pag. 198-199*)

7.ª D. LUZA DE GUSMÃO

Mulher do rei D. João IV. Regeu o reino tres vezes, desde 19 de junho de 1643, pela jornada de seu esposo ao Alemtejo, até 21 de outubro do mesmo anno. (*Hist. Genealog. Tomo VII pg. 178 e 182 e Tomo IV das Provas pg. 774 n.º 22 — J. P. Ribeiro: Dissert. Chron. Tomo II pg. 199*).

Da mesma rainha durando a regencia perto de seis annos contados desde o fallecimento de D. João IV, occorrido em 6 de novembro de 1656 até 23 de junho de 1662, em que entregou o governo a seu filho D. Affonso VI contando o joven rei a esse tempo apenas 19 annos de idade. (*Catastr. de Port. pg. 77*.)

8.ª D. CATHARINA DE PORTUGAL

Filha d'el-rei D. João IV e viuva do rei Carlos II d'Inglaterra.

Governou o reino como regente pela viagem d'el-rei D. Pedro II, seu irmão, quando este foi á Beira com o archiduque Carlos, pretendente á coroa de Hespanha (*guerra da alliança*).

Durou a regencia sete mezes decorridos desde a promulgação do decreto de 7 de maio de 1704 até 4 de novembro do dito anno, e, ainda de 6 de fevereiro a 3 de setembro de 1705 por impedimento d'el rei.

Eis a formula da assignatura da regente: *Dona Catharina, por graça de Deos, Rainha de Inglaterra, Escocia, França e Irlanda, Infanta de Portugal, como Regente d'estes Reynos no impedimento (ou na ausencia) de meu irmão o Senhor Dom Pedro, por graça de Deos, Rey de Portugal etc. (J. P. Ribeiro: Dissert. Chron. Tomo II pg. 199 200)*.

9.ª D. MARIANNA D'AUSTRIA

Mulher d'el rei D. João V. Governou como regente em 1716 durante a romaria que o rei fez a Villa Viçosa, e regeu depois, durante a paralyzia de seu marido, desde 23 de maio de 1742 até 31 de julho de 1750, data do fallecimento de D. João V.

D. Marianna d'Austria foi portanto logo depois da rainha D. Thereza, a princeza que por mais longo tempo regeu estes reinos (*Benevides: Rain. de Port Tomo II, pg. 153*).

10.ª D. MARIANNA VICTORIA

Mulher d'el-rei D. José. Foi regente desde 29 de novembro de 1776 data em que começou a molestia de seu esposo, até 24 de fevereiro de 1777, em que succumbiu a ella.

Já a rainha havia assignado como regente por outra doença d'el-rei segundo se vê pelo decreto de 7 de setembro de 1758 (*J. P. Ribeiro: Dissert. Chron. Tomo II pg. 200*).

11.ª INFANTA D. ISABEL MARIA

Filha d'el rei D. João VI. Governou desde 10 de março de 1826, dia em que falleceu D. João, até 22 de fevereiro de 1828, pela chegada do infante D. Miguel, vindo de Vienna d'Austria, como logar-tenente do imperador D. Pedro.

Esta regencia, que havia sido instituida pelo proprio D. João VI, por decreto de 6 de março de 1826, mandando que ella durasse até que o legitimo herdeiro e successor da coroa provesse a este respeito, foi composta da dita senhora infanta, mais cardeal D. Frei Patricio da Silva, duque de Cadoral, Marquez de Vallada, conde d'Arcos e o ministerio.

A infanta dissolveu este conselho de governo logo depois do juramento da Carta, em 31 de julho de 1826, assumindo ella só a regencia do reino.

12.ª D. MARIA PIA DE SABOIA

S. M. assumiu a regencia do reino por decreto de 9 de novembro por motivo da visita do sr. D. Carlos, e sua esposa, a rainha D. Amelia, á capital de Hespanha a assistir ás festas do centenario Colombino.

Essa regencia cessou no dia 17 pelo feliz regresso de Suas Magestades, sendo apenas portanto de nove dias, durante os quaes a regente comprehendeu perfeitamente a sua missão visitando com verdadeira solicitude os hospitaes, asylos, quartéis militares, navios de guerra, a penitenciaría e outras prisões e ainda outros edificios do estado, deixando em alguns d'elles avultados donativos. Sempre querida esta bondosa e excellente princeza.

Silva Pereira.

DEVORADO PELAS FERAS

AO SR. CONDE DA FOLGOSA

Acabara de jantar muito confortavelmente e, na forma do costume, sahi a dar o meu passeio aconselhado pela hygiene como pratica proveitosa para uma boa digestão.

Naquella tarde tinha que procurar o conde de *** em sua casa, para contereçarmos sobre um negocio

A casa do illustre titular fica a meia hora de caminho distante da minha, por isso o meu passeio não podia ter o mesmo resultado hygienico do que os que eu ordinariamente costumava dar de duas a tres horas.

Cheguei a casa do conde de *** um tanto fatigado, em consequencia de ter apressado a minha marcha afim de não passar a hora propria da visita.

No portão de ferro, que fechava o jardim, havia uma corrente delgada que puchei e uma campainha tocou com som metalico bastante alto que devia ouvir-se em todo o palacio.

Effectivamente ouviu-o o creado da porta, que não tardou e me conduziu pelo jardim, informando-me durante o tracto, que o sr. conde estava jantando e se queria que lhe participasse immediatamente a minha visita.

— Por modo nenhum. Basta que me anuncie quando o sr. conde tiver acabado de jantar.

No entanto o creado fazia-me entrar em uma pequena sala estreita que abria duas janellas sobre o jardim, e a que o mesmo criado chamou a sala do museu.

Assim devia ser.

A pequena sala em que me achava, tinha as paredes guarnecidas por bellas gravuras em cobre emolduradas, e representando factos da historia antiga que não pude precisar porque o melhor das minhas attentões se dirigiu para uma infenidade de aves embalsamadas, que pousando em troncos seccos convenientemente dispostos dentro de machinetas de vidro, occupavam duas mezas de murtha, irreprehensivelmente fabricadas, obra do segundo quartel d'este seculo.

Sobre uma das mezas estava um mihafe que pousava uma das suas pernas sobre um pobre pardal deixando vêr os intestinos dilacerados pelas afiadas garras da carnívora ave.

Uma aguia real presidia aquella scena de morte impavidamente pousada n'um tronco de figueira.

Em dois angulos da sala e no alto de duas columnas de carvalho primorosamente entalhadas em relevadas folhagens e aves emplumadas, obra aproveitada do espolio de alguma capella da renascença abundante de decorações em talha dourada, empoleiravam-se duas cegonhas debruçando-se sobre as suas altas pernas e estendendo os seus alongados bicos com que pregaram o mais refinado calote á gulosa e velhaca raposa, no almoço que Lafontaine descreve em suas fabelas.

O que, porem, mais me impressionou, foi um cazal leonino, que n'aquelle momento defrontava comigo ao eu sentar-me em uma cadeira de assento e costas de couro lavrado, guarnecida de pregaria amarella.

Eram um leão e uma leoa que, pelo que vi, constituíam familia com numerosa progene, pois a pouca distancia d'elles, a um canto da sala, uma ninhada de sete leõesinhos cabriolavam uns com os outros em fraternal convivio, dentro de uma caixa envidraçada, de cuja base terrosa, ligeiramente atapetada de musgo, sahiam pequenos troncos que se entrelaçavam compondo o grupo com as pequeninas feras.

Achava-me, pois, entre uma familia de carnívoros da peor especie, mas que por fortuna minha, não podia cravar em mim os seus dentes afiados, nem lançar-me as suas garras recurvadas, em immobilidade estatica em que o preparador a deixara ao acabar o seu trabalho de embalsamento.

Era o que me valia dentro das quatro paredes em que me encontrava, armado apenas com o meu chapéu de chuva, que poderia servir quando muito para algum dos ferozes quadrupedes, palitar os dentes depois de se repastar nas minhas carnes.

E' claro que me refiro ao leão ou á sua companheira, porquanto os leõesinhos estavam longe de me inspirarem receios, na brincadeira innocente em que se entreteniam, como gatos pequenos brincando com creanças.

Não era porque os olhos do leão ou da leoa expremissem a ferocidade que lhe ia lá dentro, pois é bem conhecido o seu olhar doce e meigo que chega a fazer duvidar da ferocidade d'estes animaleijos, mas a bocca rasgadamente aberta mostrando os seus dentes ponteagudos, em que avultavam os caninos ou prezas de consideravel desenvolvimento, punha-se em tal evidencia, que não deixava duvida de estar ali para devorar a primeira victima que se lhes deparasse, com o prazer insaciavel de um instincto feroz, sanguinario.

E se essa victima fosse eu, pensava commodamente sentado na cadeira de couro, ora cerrando os olhos para não ver as duas feras, que pareciam desafiar a minha quietude, ora abrindo-os para me certificar que ellas se conservavam, mau grado seu, na immobilidade que lhes fôra imposta.

De uma d'essas vezes pareceu-me que a leoa, mais petulante, avançara um pouco para mim, porque não tinha as suas fortes pernas na mesma posição em que me parecia tel-as visto primeiro.

Pura illusão, é claro, porque aquelles enormes bichos estavam cheios de palha, de estopa, ou de qualquer outra cousa; lá dentro não haviam entranhas e quem lhe analysasse a barriga poderia verificar que ella estava cosida com fio de tripa, e que do animal que vivera só ali existia o esque-

leto e a pele, habilmente preparados de modo a parecer vivo.

E por estarem perfeitamente embalsamados, a illusão era completa, e tão completa, que d'esta vez pareceu-me que o leão tambem se adiantara um pouco, como que espreguiçando-se, cerrando os olhos e abrindo mais a bocca em bocejo de quem accorda.

Tive vontade de sahir, de chamar o criado ou quem quer que fosse, para lhe dizer que não estava ali bem, que com feras nem embalsamadas, mas não sei que força extranha me não deixou arredar pé do logar em que me achava, para chegar á porta por onde tinha entrado, e que me parecia agora mais distante.

E o caso era que, enquanto eu me esforçava para sahir d'ali, as feras continuavam a avançar para mim, verdade seja com uma morosidade que não estava em relação com a distancia que nos separava, que era bem pouca.

Com um unico passo que realmente dessem poderiam tocar-me, lançar as suas garras sobre os meus hombros n'um abraço de morte, estrangularem-me e rasgarem-me o peito até ao abdomen; desnudarem-me a clavícula da pelle que a recobre e porem-me a descoberto o externo, esmagando-me o thorax contra as costellas oppostas.

Feita esta destruição cevaram a sua ferocidade nos meus intestinos que puchariam para fóra do peritónio com o prazer com que os herdeiros revolvem a papelreira de um defuncto usurario.

Por fim, já sem nada sentir, imbeberem os seus caninos nas minhas carnes triturando entre os molares os meus femurs, produzindo uns estalidos como os de nozes que se partem entaladas entre a porta e a umbreira, e satisfeita esta necessidade do seu instincto quedarem-se saciadas, por algumas horas, ao pé dos restos da sua victima, até lhes chegar o appetite de nova refeição.

Eu pensava isto e mais que pensar parecia-me sentir, porque enquanto na minha imaginação se representava aquella scena carniceira, o meu phisico tomava parte principal no leonino festim sendo, como era, eu a victima em que as bestas feras cevariam a sua ferocidade.

Inexplicavel o que se passava...

Não posso dizer que sentisse precisamente as dores horribes que os dentes e as garras das feras deviam produzir ao deliciar-me o meu corpo, porque afinal o que até ali seria simples imaginação, era já para mim uma triste realidade, mas se não sentia essas dores, nem por isso a minha posição era melhor. Os monstros a cercaram-se effectivamente da sua preza, que era eu, e por mais que me quizesse furtar ás suas investidas, uma força esmagadora oprimia-me de tal modo, que se me tornava impossivel offerecer a mais leve resistencia, esbracejar, fugir, gritar por socorro como tentei fazer, sem conseguir articular uma palavra, desprender um som que eu sequer ouvisse, apesar de mentalmente formular as mais afflictas exclamações que o doloroso da situação instinctivamente provocavam.

Para augmentar o meu soffrer, na perturbação em que me achava, já não podia precisar o logar em que esta horrivel scena acontecia. Varrera-se-me completamente da memoria tudo quanto até então me rodeara, e agora via-me n'um espaço que mudava successivamente de aspecto, por onde parecia que eu caminhava sem andar, não obstante os esforços que fazia para me mover. As feras, no entanto, não me abandonavam e até se multiplicavam em volta de mim, umas que disputavam a presa com feroz ambição, outras que se quedavam em sobria expectativa porque talvez o estomago não lhe impunha a necessidade animal de o confortarem com uma immediata refeição.

Bem pouco, porém poderia restar do meu ser disputado por tantas boccas vorazes que n'elle procuravam saciar-se, mas o mais extraordinario de tudo era que, apesar do estrago em que ia o meu corpo, eu chegava a duvidar do que via, esforçando-me fortemente para me certificar da verdade.

Mas por cada raciocinio que formulava para destruir a realidade do que se estava passando, outro raciocinio vinha confirmar a minha deploravel situação.

Agora eram as feras que conduziam a sua victima atravez de uma emaranhada matta onde os precepicios se succediam a cada passo sentindo eu fortes solavancos n'essa conducção, sendo cada vez maior em mim a vontade de gritar por quem me acudisse, mas os gritos embargavam-se me na garganta onde parecia ter um nó que me tapava até a respiração.

Um solavanco mais forte produzido por uma maior queda fez um ruido como até ali não tinha ouvido e dando um pulo na cadeira em que me

achava ainda sentado abri os olhos vivamente, deparando com sr. conde de *** que, entrando na sala, me estendia a mão:

— Como está? parece que dormitava?

— V.* Ex.* tem umas cadeiras tão commodas que depois de jantar são irresistiveis para uma sestasiinha.

E fomos tratar do fim da minha visita.

Caetano Alberto.

DOIS ARTISTAS

Ha dois artistas que, a meu ver synthetizam a arte portugueza; são elles: Grão Vasco e Domingos Antonio Sequeira.

A historia artistica de Portugal bem como a d'outro qualquer paiz, corre parallela com a sua historia geral e como esta não está estudada á saciedade, apesar dos notaveis trabalhos de Alexandre Herculano e outros historiadores; aquella necessariamente deixa bastante a desejar.

A arte portugueza ainda pouco conhecida, teve um periodo aureo, periodo que decorreu na epoca brilhante das glorias e dos feitos portuguezes, no seculo xv, n'esse seculo tão cheio de fausto; e este alvorecer da arte estendeu-se a toda a peninsula iberica.

Na idade média, a pintura bem como as outras artes eram exercidas na Europa, como simples artes manuaes e tão uniformemente que não se sabe qual foi a nação que mais se avantajasse. Comtudo é a Italia uma das que mais nos legou, já em ruinas da antiguidade, já em modelos classicos; e, isto por ser mui rica e densamente povoada. Como se sabe era a egreja quem n'essas epocas, mais protegia as artes, impulsionava-as porque ella mandava executar certas obras pelos seus hospedes illustres, que assim pagavam, excessivamente, demasiadamente, com notaveis produções, verdadeiras obras primas do seu talento a hospitalidade recebida.

E como estes artistas andavam forasteando n'um e n'outro paiz, esta troca constante, foi a origem d'essa perfeição geral, conseguida na arte. Faltaria á verdade se não dissesse que, a alguns pontos não iam, pela pobreza d'esses logares e portanto mui logicamente ahi não havia arte, isto nota-se na parte mais oriental da Europa.

Depois pelas riquezas importadas das Indias, por Portugal; que eram todas empregadas em obras de arte, a arte nacional attingiu um esplendor, difficil d'exceder. O genero de pintura, que então mais abundou foi a decorativa. A pintura em quadros — na maioria representando assumptos biblicos, depois degenerados em allegorias e mythos emprestados do paganismo, começava a nascer.

Foi n'esta transição acontecida pelos fins do seculo xv que nos apparece Grão Vasco. A individualidade d'este artista, primeiramente incontestada, foi controvertida depois; e, em abono do verdadeiro, devo dizer que, varios estrangeiros illustres trataram da questão detidamente, auxiliando assim os portuguezes.

Antes d'esta epoca imperava a escola gothica, velha rotina que se mudou para a escola de Miguel Angelo. Mas, como os peninsulares são muito agarrados a tudo o que a tradição lhes conserva, os nossos artistas seguiram a primitiva da qual o prototypo lhes foi outorgado pelos flamengos cuja escola se ia introduzindo em Portugal.

Quando Philippe o Bom duque de Borgonha, pediu a mão da infanta D. Isabel filha de D. João I, mandou-lhe tirar o retrato pelo mais notavel dos pintores flamengos, João Van Dyck.

Fica, pois, defenido que, a primeira phase da arte portugueza foi esta; e, que o artista mais sublimado e fecundo foi Grão Vasco.

Passemos agora em claro dois seculos e meio, espaço que decorre de Grão Vasco a Domingos Antonio Sequeira.

Intrinsicamente, n'este periodo a escola não variou; Sequeira tem nos seus quadros o mesmo colorido de vigorosa intonação e firmeza de desenho; notando-se nas suas obras uma subida e vasta concepção, um talento notabilissimo e um engenho raro. Os seus cartões sempre admirados pelo grandioso da composição, porém sem sombra de favor equipararem-se aos do divino mestre da renascença — Miguel Angelo.

Quão maravilhado não fica, quem contemplar os admiraveis esboços de Sequeira tão cheios de grandezza como os cantos da sublima epopeia lusitana.

Que maior monumento poderia existir no mundo, que mais seria dado aos olhos humanos admirar do que essa molle de litteratura patria — Os Lusíadas illustrados por Sequeira?!

Imaginae, o talento de Sequeira, impulsionado pelo amor patrio; o vigor da sua alta concepção, revigorado e auxiliado pelo santo entusiasmo de collaborar na obra mais sublime que tem brotado do coração humano; pois que só do coração sahem os impetus do Sentimento, que incidindo na intellectualidade fazem com que, d'ella saiam obras estupendas como a de que fallo.

Era esta a ideia do grande artista portuguez, o maior dos tempos modernos, que assim dava um complemento condigno e invejavel ao genial poema de Luiz de Camões. N'um dos esboços de Sequeira, vindo até nós, vemos uma prova do que asseveramos; é o que representa o leal Egas Moniz e sua familia perante Affonso VII de Leão. Inspirou-se o grande pintor n'um dos cantos dos Lusíadas.

Ainda duas palavras sobre o talento de Sequeira; foi elle tão grande que ainda o legou a seus descendentes, pois que n'elles ha e houve homens de verdadeiro valor taes como o conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira (actual ministro das obras publicas), José da Costa Sequeira, grande geometra; etc.

E. P.



REVISTA POLITICA

Foi recebida com geraes louvores a reforma do ministerio das Obras Publicas, publicada no *Diario do Governo* de 5 do corrente, elaborada pelo respectivo ministro o sr. conselheiro Pedro Victor.

E' este o segundo trabalho de grande folego do illustre ministro, que merece a approvação geral, pois não foi recebido com menos applauso que os decretos de fomento agricola. No entanto, apesar de todas as vantagens para os serviços e de todas as economias para o thesouro, que esta reforma realisa, mirando especialmente a acabar com muitos abusos e portas falsas, uma coisa traz consigo que importa um retrocesso, e que já va levantando clamores, que não é facil prever até onde chegarão, não obstante o momento não ser azado para criar novas complicações ao governo.

Referimos nos á parte do decreto que diz respeito as obras municipaes, cuja direcção fica a cargo da repartição de Obras Publicas, centralizando no governo o que uma lei liberal tinha descentralizado, dando aos municipios a independencia que devem sustentar.

A Camara Municipal de Lisboa já reuniu para representar contra esta medida, e, pelo que se diz, está no proposito de abandonar a administração do municipio se a sua representação não for attendida.

Não sabemos o que o governo fará; é, porém, de esperar que tenha lá o seu plano de conciliação, pois devia bem calcular que os municipios, principalmente o de Lisboa, não podiam ficar indifferentes á esbolhação que lhe faziam.

Não pretendemos entrar na analyse minuciosa dos motivos que o governo teve para se ingerir na direcção e administração dos negocios municipaes, porque não é nosso costume tractar de leve questões melindrosas, curando só pelas apparencias ou pelo que se diz.

A gente sensata tem decerto feito de ha muito o seu juizo sobre o modo como, em geral, tem corrido as administrações municipaes, que, de resto, só tem seguido os exemplos dos governos da nação, e tanto basta para avaiar a justiça com que o governo intrevem agora nos negocios municipaes.

Nós apenas lembraremos que de 287 camaras municipaes do paiz 116 só é que não estão empenhadas, segundo se lê no relatório que precedeu a reforma administrativa.

E' claro que a actual vereação de Lisboa não tem culpa do que outras vereações fizeram, e por isso mesmo mais lhe corre o dever de sustentar as prerogativas do municipio, mas como se poderá remediar o mal feito, sem se lhe oppôr uma medida que o remedie. A dificuldade só

está em achar essa medida sem offender direitos que devem ser acatados.

A final tudo provem do malbaratado dos negocios publicos, chegando e agora ao ponto em que se pode applicar o dictado de: em casa onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão.

E' tão verdade é isto que, apesar de todas as reformas decretadas pelo actual governo terem em geral merecido os applausos de toda a gente, não é menos verdade que uma guerra surda está minando o mesmo governo, guerra que não é mais que as consequencias do mal estar geral.

E' d'ahi que estão nascendo todos os dias boatos de crise ministerial, farejando desintelligencias no seio do gabinete, imaginando se recomposições ministeriaes, denotando, tudo isto, uma grande vontade de ver o ministerio pelas costas, mas sem coragem ao mesmo tempo de o deitarem a terra, por não ser facil arranjar outro que o substitua e possa inaugurar uma nova epoca de vaccas gordas.

Não tarda muito que o parlamento abra as suas portas e que se saiba quaes são as medidas financeiras que o governo tem em mente para equilibrar o orçamento; crêmos, porém, que ninguem

mente em bolandas com as pautas que estão em vigor ha pouco mais de seis mezes.

Ahi é que está o segredo, srs. economistas.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista Popular de Conhecimentos Uteis, periodico semanal illustrado. etc. n.º 123 do III anno, Lisboa. Reappareceu esta interessante revista que teve a sua publicação interrompida durante algum tempo. E' muito recommendavel pela grande variedade dos seus assumptos e vulgarisação de conhecimentos. Os nossos parabens ao nosso illustre collega pelo seu reaparecimento.

As Lendas Christãs por Theophilo Braga. Luga & Genelioux, editores, Porto, 1892. Um volume de 480 paginas in-8.º E' mais um livro importante de Theophilo Braga que afirma a valia dos estudos do seu auctor e que faz parte dos seus antigos trabalhos sobre a *Historia da Poesia do Christianismo*. Teophilo Braga procurou coordenar n'este seu livro a variedade de lendas «que deram força á expansão da religião proselytica» como diz o auctor no prefacio.

Dividiu o livro em seis capitulos pela ordem seguinte: *I Formação das lendas christãs; II As lendas da santa familia; III As lendas da Virgem mãe; IV As lendas da paixão; V As lendas do Primado da Igreja; VI As lendas da controversia theologica.*

E' vasto o assumpto que Teophilo Braga trata com grande proficiencia.

A Patria, poemeto por Manuel Augusto d'Amaral. Typographia do Campeão Popular, S. Miguel—Açores, 1892. E' um brado patriótico, vibrante e transluzente d'inspiração nobre, alevantada e digna da Patria. Cento e vinte oito formosos alexandrinos são a forma do poemeto; cento e vinte oito perolas formadas pelo ideal sonhado, «no azul da Ideia!...»

O exemplar que nos foi offerecido é o n.º 67 d'uma edição especial de cem exemplares numerados e rubricados pelo auctor. Agradecemos a distincção.

Africa Illustrada. Archivo de conhecimentos uteis; viagens, explorações, usos e costumes, commercio, industria, meteorologia, distincção de climas, produções, colonisação, movimento progressivo, indicações hygienicas e noticias da actualidade por Henrique de Carvalho.

Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa um semanario de verdadeira propaganda a respeito da nossa Africa e que muito interessa aos povos da Europa, pelos grandes conhecimentos que lhe dá do paiz Africano. E um bom serviço prestado pelo sr. Henrique de Carvalho esta sua propaganda feita com verdadeiro conhecimento, como quem tem vivido uma boa parte da sua vida nas nossas colonias de alem mar.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1893

Está publicado; a capa é um lindo chromo representando esse mimo d'architectura quinhentista — a Torre de Belem.

Preço 200 réis. Pelo correio 220 réis

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, M. d'Este & C.ª — Impressores

R. Nova do Loureiro, 25 a 39



PEDRO JOSÉ ALFREDO CAMBOURNAC

FALLECIDO EM 11 DE NOVEMBRO DE 1892

(Segundo photographia de Camacho)

poderá esperar vaccas gordas n'estes tempos que vão passando, e, portanto por este lado não ha que ter esperanças n'este ou em outro governo, e tudo está em evitar que as vaccas venham ainda mais magras.

E' a duvida em que os espiritos estão sobre as medidas financeira do governo, que está entreendo os artigos de fundo de alguns jornaes, que parece chegarem a fazer promessas de irem descalços ao Senhor dos Passos para saberem se o governo equilibrará o orçamento sem diminuir despezas nem augmentar receitas.

O caso é realmente para pensar, mas nós que não estamos para matutar em coisas sabidas, recorremos á experiencia, e o que ella nos diz é que o orçamento futuro será tão equilibrado no papel como os seus irmãos mais velhos, e tão desequilibrado na pratica como os ditos manos.

Se a nação só espera equilibrar-se pelo orçamento do Estado, tem muito que esperar, e quem espera desespera.

Matutem antes os sabios em a equilibrar pelo trabalho nacional, que esse é que póde equilibrar tudo, mas infelizmente n'este paiz entende-se que a riqueza publica deve extrair-se do rendimento das alfandegas e tanto basta para andarem nova-